

HEIDEGGER E A ESSÊNCIA DA TÉCNICA MODERNA¹

Fábio Soares Gomes²

1. INTRODUÇÃO

A proposta de nosso trabalho é um caminho. Por advertência do filósofo Martin Heidegger, admitimos que “[...] o caminho é um caminho de pensamento”. Escolhemos aqui pensar a técnica. Não simplesmente “pensamos”. Procuramos nos deter **no** pensamento pensado por este pensador. Este “**no**” é o caminho que nos conduz à técnica sob a precisão e a profundidade do pensar de Heidegger.

A técnica, enquanto o que em nossa realidade vigora, pode ser entendida como o aglomerado de máquinas e aparelhos que se apresentam para nós em funcionamento. Pode ser também entendida a partir dos mesmos, porém, enquanto aquilo que se coloca à disposição, à disponibilidade. A técnica pode ainda ser entendida como cálculo. Cálculo enquanto aquilo que junto a um projeto possibilita a produção de objetos, ou mesmo, de aparelhos que possibilitem a criação de outros bens.

A técnica pode também se dar de modo a integrar o homem e a máquina em certa atividade, ou mesmo, grupos de homens, de modo a agirem numa co-pertença junto às máquinas, seja na atividade de instalação, seja na manutenção de uma instalação já pronta, mas que exige e possui uma técnica própria que lhe assiste. Ou mesmo, pode estar, enquanto um agir próprio dos que a “possuem” — os técnicos — e se responsabilizam pela vigilância das máquinas; a técnica dá conta de si mesma, seja a partir dos aparelhos e instrumentos, seja a partir da “mão” humana.

É pertencente, portanto, à técnica, o uso de instrumentos, aparelhos e máquinas, mas não somente estes em si mesmos, como também os fins e as necessidades a que eles correspondem. Tudo isto, propriamente, formando um conjunto, é a técnica. Esta, em si mesma é também um instrumento. O olhar que se volta para a técnica sob tal perspectiva — a de vê-la enquanto e a partir da relação entre meios e fins, ou seja, enquanto um meio produzido pelo homem para um fim estabelecido pelo homem —, é o que o pensador denomina de concepção **antropológica e instrumental** da técnica.

A técnica a partir da sua instrumentalidade, não é um produto particular da modernidade. Por que? Ora, a velha e bastante usada flecha indígena, era e permanece para os remanescentes índios um instrumento, pois nela está investida a funcionalidade de um meio que se dedica a um fim. Do mesmo modo, um avião, que tem e guarda a capacidade de nos locomover às distâncias mais longínquas, é também um instrumento. Ser um instrumento significa aqui, ser largado para além de si, emergir não em si mesmo, mas na sua serventia.

O que difere a flecha indígena do avião, não é somente o contexto histórico em que eclodiram enquanto meios para determinados fins, mas também as realidades a que se referem e o grau tecnológico que resguardam em si, enquanto instrumentos. Apesar disso, ambos são instrumentos. Seja o instrumento qual for, este passa por coisa humana. Coisa esta inventada, executada, desenvolvida, dirigida e estabelecida de modo estável pelo homem e para o homem.

O que caracteriza a técnica enquanto algo instrumental é o fato dela se passar por qualquer coisa pela qual manipulamos e da qual nos servimos enquanto utilidade. Para Heidegger, se levarmos em consideração o caráter instrumental da técnica, um avião e um arco e flecha não são diferentes, pois, enquanto instrumentos, pertencentes ao decorrer da história da técnica, zelam por esta a partir da instrumentalidade, conservando-a como uma unidade na totalidade do seu desenvolvimento.

¹ Trabalho de conclusão do Curso de Filosofia sob a orientação do Professor Fernando Gigante Ferraz, doutorando em Filosofia pela Université de Paris I – Panthéon Sorbone.

² Bacharel em Filosofia/Universidade Católica do Salvador – UCSal.

Para o pensador de Messkirch, sendo uma flecha um objeto primitivo e o avião, muito pelo contrário, um instrumento que exige o que há de mais avançado na engenharia aeronáutica, e, portanto, exige uma complexidade numa proporção bem superior à da flecha, não muda em nada quanto ao caráter instrumental da flecha, ou melhor, ao caráter técnico. A flecha, basicamente um instrumento usado pelos índios, serve para atender as suas necessidades ao nível de sobrevivência. Um avião, no entanto, vai muito mais “longe”. Por isso, é comum estranharmos as comparações entre um e outro, mesmo que consideremos a instrumentalidade de ambos de forma abstrata e operatória. Apesar da estranheza em comparar um avião a uma flecha, se prestarmos a devida atenção a esta comparação, perceberemos que a técnica e o seu caráter instrumental permanecem em evidência e de forma explícita, já que é a partir do progresso extraordinário da técnica — presente num avião — que explicamos a incontestável diferença entre os dois instrumentos. É por isso que Heidegger chama-nos a atenção, afirmando que o caráter instrumental da técnica não é suficiente para definir o que é próprio da técnica moderna e dos seus produtos.

Em outras palavras o pensador raciocina que “[...] a técnica não é igual à essência da técnica”. Heidegger se coloca num questionamento que pergunta **o que** a técnica é. Se recordarmos o que nos foi transmitido pela tradição filosófica, veremos que o que faz uma coisa ser o que é, é justamente a sua essência. Eis porque o filósofo procura questionar a técnica desde que, neste perguntar, o que se pergunta é o que **ela** é: a sua essência. A questão primordial para o pensador é saber de que essência é a técnica moderna para poder chegar a utilizar as ciências exatas da natureza. Para isso, ele parte em busca de um outro começo do pensamento do ser e de um tipo de saber que não mais assiste à nadificação do ente no seu todo pelo poder da técnica. O interesse do filósofo é adentrar na esfera da essência da técnica moderna. Aí, somente chegaremos quando percebermos a característica fundamental da técnica moderna e o que nela se mostra de novo. Que modo de produção, de desocultamento do ente é a técnica moderna? O de **provocação** do ente no seu todo. O problema da técnica não é o da instrumentalidade, nem mesmo a causalidade implicada pela instrumentalidade, mas o modo de desocultamento, da verdade, do ser.

O desencobrimento e o desocultamento, típicos da técnica moderna, são modos da exploração. Uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Para Heidegger, o antigo moinho de vento não tinha essa característica de explorar a natureza, no sentido de extrair a energia das correntes de ar com a finalidade de armazená-las. As alas do moinho se integravam com a natureza de tal modo que ficavam confiadas ao sopro do vento. Do mesmo modo, o lavrar do camponês não provoca nem desafia a natureza. No entanto, nós não podemos dizer o mesmo de uma região em que a indústria extrativa de minérios explora o solo para a extração, pois, nesta, o subsolo passa a ser visto como um reservatório de carvão, ao passo que o chão passa a ser visto como jazida.

O desencobrimento da técnica moderna se dá na perspectiva da exploração. É imposto à natureza a exigência de fornecer energia. Literalmente, é um desencobrimento que busca explorar a natureza no sentido de produzir, de provocá-la, de captá-la, de pô-la à disposição. O que difere basicamente o caráter de desencobrimento da *téchne* e o da técnica moderna é que a primeira descobre **o** a ser produzido sob a perspectiva da *poiésis*, da produção — do deixar-viger —, enquanto que a segunda, por ser associada à ciência, descobre mediante a provocação. Esta provocação é justamente o ato pelo qual o homem “arranca” da natureza uma energia escondida que altera o meio original. Somos o sujeito dessa interpelação.

Neste jogo, somos o sujeito que provoca, mas que, ao mesmo tempo é provocado. Desse modo, somos o interpelante interpelado, pois, ao provocarmos a natureza, nos transformamos com a transformação que operamos. Esse explorar tem por característica colocar a natureza à disposição. Isto quer dizer, no entanto, que não se explora a natureza para simples e somente colocá-la à disposição em algum lugar e de algum modo, mas, em tê-la “à mão” e em conformidade com as vontades e os interesses.

Conforme o pensador, há uma distância infinita entre o rio **Reno** aclamado pelo poeta Hölderlin e o **Reno** da usina elétrica, embora ambos sejam obras. No primeiro, trata-se de uma obra de arte, já no segundo refere-se a uma obra de engenharia. O **Reno** que ligava uma ponte à outra e

era também tema do poeta se desencobria enquanto paisagem. A paisagem que hoje é, entretanto, está ao modo da dis-posição e da exploração. Explora-se o **Reno** enquanto paisagem através dos serviços das agências de viagens que o desencobrem à dis-posição da visitação turística; a intervenção técnica transforma a natureza em uma **provisão** efetiva ou potencial. A energia da natureza é explorada de modo a se ter sobre ela controle e asseguramento: em toda parte se assegura o controle. O controle traz a disponibilidade (Bestand). Esta, para o filósofo, designa nada mais nada menos do que o modo em que vige e vigora tudo o que o desencobrimento explorador atingiu. As máquinas, por exemplo, possuem sua disponibilidade exclusivamente a partir e pelo dis-por do dis-ponível.

De certo, somos os responsáveis por essa exploração que desencobre o real a partir da disponibilidade. Todavia, pergunta-se o filósofo: em que medida temos esse desencobrir em nosso poder? Conforme o mesmo, o homem não tem em seu poder o desencobrimento em que o real se mostra ou se retrai e se esconde. A causa é que, na era em que estamos — a Era da Técnica —, o grau de provocação e de submissão da natureza à razão, por parte da técnica, atingiu seu apogeu, mas, não somente isto, pois o homem atual é ele próprio provocado pela exigência de provocar a natureza para a mobilização. O próprio homem é intimado, é submetido à exigência de corresponder a esta exigência.

A técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem, já que ela mesma é o desencobrimento da dis-posição. Não é somente a natureza que está sendo requisitada, mas também o homem, a mais importante das matérias-primas: o homem é obrigado à produção, servidor da máquina, funcionário da técnica. Em vista disso, Heidegger desperta a seguinte tarefa para o pensamento: temos de encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a dis-por do real como dis-ponibilidade. Este desafio tem o poder de levar o homem a recolher-se à dis-posição. Está em causa o poder que o leva a dis-pôr do real, como dis-ponibilidade.

2. METODOLOGIA

O trabalho que apresentamos é parte integrante de uma monografia de final de curso. A metodologia do presente trabalho foi basicamente a leitura e a interpretação de textos. Buscamos fazer uma leitura rigorosa, como deve ser a interpretação de textos filosóficos. Como fonte principal trabalhamos os seguintes textos de Heidegger: *A Questão da Técnica e Língua Técnica e Língua de Tradição*. Estes textos, somados a outros que são citados na bibliografia, receberam uma leitura minuciosa e vertical, em que buscamos extrair as contribuições que trazem para o pensamento de Heidegger e para a crise da contemporaneidade. Questionamos qual a **essência da técnica moderna**, não apenas para compreendermos o pensamento de Heidegger, mas, sobretudo para entendermos a crise da civilização contemporânea.

3. CONCLUSÃO

A técnica moderna se caracteriza pelo irresistível caráter de domínio ilimitado. Esta tarefa é desenvolvida mediante a **intimação provocante**, que não é senão o caráter próprio e a origem comum entre ela e a ciência moderna da natureza. Esta — sendo técnica em sua essência —, a partir do seu projeto matemático da natureza, intima a natureza material a mostrar-se como um complexo calculável de forças, e é sob este ponto de vista, regida de uma ponta a outra pela essência da técnica. Como já vimos, a técnica, pensando-a a partir de sua essência, não pode ser tomada meramente como forma instrumental, pois isto denota neutralidade em relação à realidade. Muito pelo contrário, a técnica é um modo de se comportar diante da realidade e uma forma determinada de apropriação como produção da realidade. Daí porque Heidegger imagina o amplo conceito do ser da técnica, ou melhor, a sua essência, como a forma de apropriação da realidade e de criação de realidade em associação múltipla com todos os campos da realidade.

4. REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Introdução à Metafísica**. Trad. de Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

_____. **Carta Sobre Humanismo**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. **Língua Técnica e Língua de Tradição**. Trad. Mário Botas. Lisboa: Veja, 1995.

_____. **Senda Perdida**. Trad. José Armengol. Buenos Aires: Losada, 1960.

_____. **Que é isto — a filosofia?** / Identidade e Diferença. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. **Vorträge und Aufsätze**. Neske: Pfullingen, 1990.

_____. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stein São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. **Nietzsche: Metafísica e Nihilismo**. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

_____. **Le Principe de Raison**. Trad. André Préau. Paris: Gallimard, 1962.

_____. **Serenidad**. Trad. Yves Zimmermann. Barcelona: Odós, 1994.